

CAMPUS DO PANTANAL DA UFMS: CONTRIBUIÇÕES PARA O INTERCULTURALISMO

Campus del Pantanal da UFMS: Contribuciones a la Interculturalidad

Bárbara Regina da Silva BARROS*
 Maria Cristina Lanza de BARROS**
 Ramona Trindade Ramos DIAS***

Resumo: O objetivo deste estudo foi discutir como o *campus* do Pantanal da UFMS trata as questões das minorias em seus cursos. O método utilizado foi o da pesquisa documental na plataforma da instituição e nos projetos pedagógicos dos cursos. Através do exame dos documentos disponíveis na plataforma PROPP e consultas a projetos educacionais dos cursos disponíveis no site do *Campus* do Pantanal, foi comprovado que há muitos projetos, teses e artigos sobre o assunto, embora os resultados dessas não atinjam a comunidade universitária como um todo, o que seria fundamental para disseminar as ideias de interculturalidade.

Palavras-chave: Interculturalismo, Identidade, UFMS/*Campus* do Pantanal.

Resumen: El objetivo de este estudio fue analizar cómo el *campus* del Pantanal da UFMS se ocupa de las cuestiones de las minorías en sus cursos. El método utilizado fue la investigación documental sobre la plataforma de la institución y los proyectos pedagógicos de los cursos. A través de la investigación de los documentos disponibles en la plataforma PROPP y consultas en los proyectos pedagógicos de los cursos disponibles en el sitio web del *Campus* do Pantanal, se comprobó

Introdução

A globalização remete à convivência, mesmo que virtual, entre indivíduos de culturas diferentes. Atualmente, com migrações ocorrendo aos milhares, o tema da diversidade ressalta aos olhos, sendo um momento apropriado para retomar a discussão sobre multiculturalismo e interculturalismo. Nesse sentido, a universidade torna-se um vasto e complexo campo de estudos e oportunidades, já que em seu ambiente se agregam as mais diferentes culturas, oriundas das migrações nacionais e internacionais. O Brasil, sendo um país de históricas migrações, que abriga em seu solo diferentes povos e que também tem uma grande extensão territorial, pode ser chamado de “país das diversidades”.

* Graduada em Ciência da Computação, Mestre em Educação – CPAN/UFMS. E-mail: brgbarros@yahoo.com

** Graduada em Geografia, Mestre em Educação – CPAN/UFMS. E-mail: cristina.lanza@ufms.br

*** Graduada em Administração, Mestre em Estudos Fronteiriços – CPAN/UFMS. E-mail: ramona.dias@ufms.br

que hay muchos proyectos, tesis y artículos que tratan sobre el tema, aunque los resultados de éstas no llegan a toda la comunidad universitaria, lo que sería esencial para difundir las ideas de interculturalidad.

Palabras clave: Interculturalidad, Identidad, UFMS/Campus do Pantanal.



Entretanto, a cultura não é uma questão estática, definitiva e única. Ela se constrói e se reconstrói, conforme as ações humanas vão se transformando, pois reflete os diferentes costumes de uma sociedade, desde seus hábitos alimentares, vestimentas, tradições e tudo o que se refere ao seu agir cotidiano. A pluralidade cultural traz em seu bojo a possibilidade de grandes transformações e, ao mesmo tempo é o cerne de muitas dificuldades. Nesse aspecto, torna-se imprescindível que as ações humanas sejam planejadas e implantadas para a inclusão social, já que as diferenças podem se tornar altamente discriminatórias. O direito das pessoas a serem tratadas de modo igual pela lei, usualmente, se associa com a proibição de práticas discriminatórias.

Obviamente, para alguns autores, como Mantoan (2006), a obrigação de respeitar e fazer respeitar os direitos sem distinção alguma, prescrita pela maioria dos tratados internacionais de direitos humanos, normas constitucionais e leis, não parecem ser suficientes para responder ao problema de definir o que esse tratamento não discriminatório mostra quando deve ser traduzido em políticas concretas. Para se obter uma comunidade cada dia mais cidadã, solidária e humana, é fundamental, portanto, atender as exigências e necessidades de uma sociedade em constante transformação.

Diante disso, o objetivo deste estudo foi discutir como o *campus* do Pantanal da UFMS trata as questões

das minorias em seus cursos para, assim, apontar suas contribuições em direção ao interculturalismo na região de fronteira, seja por iniciativa de seus docentes seja pela imposição de lei que estabelece a inclusão desses temas nos projetos pedagógicos de cursos superiores. As informações foram obtidas com a leitura de documentos disponíveis na plataforma da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP) e consultas nos projetos pedagógicos dos cursos, disponíveis no site do *Campus* do Pantanal.

O Educador em um Contexto de Mudanças

É evidente que o princípio fundamental de igualdade no tratamento obriga a conceder as mesmas vantagens a quem esteja em condições iguais, a menos que se possa justificar sua negação. É preciso fazer desses princípios de não discriminação e igualdade, assim como de uma inclusão social, uma norma de atuação em todo o ciclo da gestão educativa, já que trará contribuições na inserção e inclusão educacional e social do alunado, no futuro.

Candau e equipe (2010) destacam que, nos tempos atuais, o educador enfrenta grandes desafios para impulsionar e promover mudanças de caráter histórico e social, para que todos possam ter igualdade de oportunidade, mudanças significativas em seu bem-estar e em seu desempenho na sociedade. Ressaltamos alguns dos principais desafios que a autora enumera como relevantes no papel do educador: promoção de processos de desconstrução e de desnaturalização de preconceitos e discriminações; resgate dos processos de construção das identidades culturais, tanto no nível pessoal como coletivo.

Esses autores explicam que:

Um elemento importante nessa perspectiva são as histórias de vida dos sujeitos e das diferentes comunidades socioculturais. É importante que se opere com um conceito dinâmico e histórico de cultura, capaz de integrar as raízes históricas e as novas configurações, evitando-se uma visão das culturas como universos fechados e em busca do “puro”, do “autêntico” e do “genuíno”, como uma essência preestabelecida e um dado que não está em contínuo movimento. (p.27)

Compactuamos dessas assertivas como elementos indubitavelmente essenciais para reflexão e posicionamento adequados diante das situações correntes no cotidiano, sobretudo da vida universitária, que é o foco de análise deste trabalho.

Além disso, a coexistência de diferentes culturas é um fator enriquecedor em toda e qualquer sociedade, uma vez que ela é propulsora de transformação de condutas e conhecimentos, sendo relevantes as experiências individuais e coletivas, os saberes populares e o conhecimento científico que se misturam e se agregam para novas experiências e novas transformações da sociedade.

Multiculturalismo e Interculturalismo

A partir da segunda metade do séc. XX, em países como Estados Unidos e Canadá (HERNÁNDEZ-REYNA, 2007), surgiu um movimento denominado multiculturalismo, com o cunho social de reivindicação de minorias étnico-culturais. A coexistência de muitas culturas num mesmo espaço e tempo gera tensões e conflitos e a correlação de forças é muitas vezes uma tentativa de homogeneização da cultura dominante (países ricos, como os USA, impõem sua cultura sobre os demais, por meio da pressão econômica que exerce sobre as minorias pobres e/ou emergentes, principalmente)¹. Esse movimento tem também um caráter normativo, uma vez que “el multiculturalismo, en tanto normativo es precisamente el proyecto de la regulación de tal convivencia entre culturas” (HERNÁNDEZ-REYNA, 2007, p. 432).

O multiculturalismo, além de ser um fenômeno social e de ter uma abordagem teórica, possui um viés político liberal, que possibilita a dominação através de leis específicas, com o intuito que os grupos minoritários “se integren totalmente a la sociedad receptora”, ou melhor dizendo, “...o multiculturalismo en ámbito político asume la diversidad como diversidad de grupos minoritarios frente a los grupos de poder dentro de los Estados” (HERNÁNDEZ-REYNA, 2007. p. 5-6).

Andrade (2009, p. 24) refere que, em uma sociedade plural, na qual várias culturas convivem:

Aqueles que são vistos como diferentes são excluídos porque possuem uma marca identitária considerada socialmente como algo inferior, seja esta marca o sexo e o gênero, a cor da pele, a etnia, a orientação sexual, a idade, as capacidades físicas e mentais. Esta marca identitária também é chamada de “diferença”, ou seja, é o que faz determinado sujeito ou grupo diferir do padrão socialmente esperado.

É interessante esclarecer que o termo interculturalismo surgiu na Europa e em países da América Latina, e refere-se tanto ao plano político quanto ao teórico das lutas dos grupos minoritários (gays, afroamericanos, feministas, grupos étnicos, entre outros), prezando pela interação cultural de grupos imigrantes (HERNÁNDEZ-REYNA, 2007, p. 434).

Esse estudioso acentua que esse fenômeno se desenvolve tanto na Europa como na América Latina. Na Europa, a questão intercultural se denota pela afluência dos imigrantes, enquanto, na América Latina, um dos desafios que caracterizam a interculturalidade tem se revelado na demanda pelo reconhecimento tanto cultural como político dos grupos autóctones da região, embora, evidentemente, não se tenha ignorado a questão da migração de grupos indí-

¹ Denominando esse movimento de *american way of life*, Andrade (2009, p. 20) questiona: “Levante a mão quem não tem um celular, não veste calça jeans, não usa tênis e não utiliza *pen-drive* e *e-mail*.”

genas para outros países, e as consequências culturais que esses processos de mobilização trazem consigo.

A luta pelo reconhecimento e pela abertura de espaços a grupos minoritários não tem sido apenas uma batalha social, mas traz, também, um forte componente teórico. Assim, não faltam, nas instituições, debates sobre ética ou educação, entre outros temas (HERNÁNDEZ-REYNA, 2007). Certamente, esses grupos lutam contra a marginalização, para ter sua identidade mantida, por mais igualdade de direitos e, ao mesmo tempo, para manter-se diferente, sem que isso seja motivo de discriminação.

O interculturalismo defende a convivência de diferentes onde cada um aprende com as diferenças, onde um não existe sem o outro. Para tentar marcar uma distinção entre os termos, Hernández-Reyna (2007, p.436) pontua que:

Pero, si bien no hay una diferencia tajante entre el multiculturalismo y el interculturalismo, pareciera que el debate sobre el encuentro, choque o diversas relaciones entre culturas estaría, más bien del lado de la interculturalidad, pues es ésta la que se refiere por el “ínter” a una reunión entre culturas y a las relaciones e interacciones que se den entre ellas. En cambio, en el multiculturalismo lo que se afirma es la existencia de una multiplicidad de culturas en una sociedad.

O interculturalismo reconhece a condição multicultural da sociedade, defendendo a convivência e a interação de culturas como uma troca de valores, de conceitos e hábitos, sem que cada grupo perca sua identidade.

Questões interculturais na fronteira Oeste de Mato Grosso do Sul

A cidade de Corumbá, situada no oeste do Estado de Mato Grosso do Sul, margeada pelo rio Paraguai e ponto estratégico para a navegação na Bacia do Prata, ao longo de sua existência, tem recebido migrantes de vários locais do mundo, vindos “principalmente do Paraguai e da Bolívia, além de sírios, libaneses e palestinos (chamados “turcos” ou “árabes”), assim como portugueses e italianos, entre outros” (COSTA, 2015, p. 35).

Na atual sociedade, Candau e equipe (2010) destacam que os grupos minoritários ficam quase sempre à margem das decisões em políticas públicas, uma vez que “o poder político está homogeneizado pelos interesses do “mercado” ” (2010, p. 39). Nesse sentido, eles lutam por políticas que garantam seus direitos, diminuam a desigualdade, o preconceito e o racismo, fortalecendo a democracia.

Ainda sobre a luta desses grupos existentes no Brasil, como um exemplo importante dessa trajetória, os autores recordam que

[...] os direitos dos índios brasileiros foram afirmados na Constituição de 1988, mas sua consecução ainda é fruto de renhida luta e o que se conquistou foi através da mobilização dos próprios índios e seus aliados. O mesmo pode-se dizer a respeito do negro brasileiro, outra vítima histórica do processo de construção de nossa sociedade, das mulheres, dos homossexuais, dos 'sem-terra' entre outros atores sociais'. (CANDAU e equipe, 2010, p. 39)

A cidade de Corumbá, onde se situa o *Campus* do Pantanal, (CPAN) localiza-se a, aproximadamente, 400km da capital do estado, Campo Grande, e tem fronteira seca com Puerto Quijarro, na Bolívia, resultando em intensa movimentação de pessoas e mercadorias entre as cidades em todos os dias do ano, acarretando intensa troca cultural.

Devido às diversas etnias que habitam a cidade (Aymaras, Quéchuas, Kambas, Chiquitanos), os bolivianos, de acordo com a pesquisa de Costa (2015), muitas vezes, são tratados com inferioridade na cidade de Corumbá, sendo-lhes relegados serviços informais nas feiras e nas calçadas.

Entende-se, assim, segundo esse autor, que o boliviano, "ao mesmo tempo em que é visto como um "outro" nacional (estrangeiro), é representado como um "outro" indígena, duplicando, em grande medida, o estigma social que recai sobre o grupo" (2015, p. 36).

Cabe à Universidade, então, desconstruir essa visão que alguns moradores de Corumbá têm dos bolivianos, na qual

[...] a construção negativa do "outro" sustenta a própria identidade brasileira, ou seja, o boliviano se constrói no imaginário brasileiro fora dos parâmetros que definem os valores "civilizados". Nesse contexto, a imagem do "outro" ganha contornos específicos em Corumbá, na medida em que a Bolívia é vista por parte da população como símbolo do atraso, da pobreza e da falta de "civilidade", de higiene, das leis. Esses estigmas podem ser resumidos nas categorias identitárias de "chocos", "collas" ou simplesmente "índios" ou "bugres". Percebe-se, em inúmeras conversas com moradores de Corumbá, que a Bolívia é representada como um lugar "sem lei" e "corrupto". "Você já dirigiu na Bolívia? Lá não tem lei, cada um faz o que quer. E a polícia lá? São todos corruptos... qualquer coisinha errada, querem dinheiro... e quando eles vêm aqui, não querem seguir as leis... no Brasil a lei é pra todo mundo"(COSTA, 2015, p. 41-42).

Para os brasileiros, a Bolívia é um local de comércio, que atende suas necessidades de consumo. A convivência com os bolivianos, todavia, não é vista de forma agradável. Esse olhar diferente os estigmatiza como indesejados, além de carregarem o peso do preconceito por sua dupla identidade, como estrangeiro e como indígena. Costa (2015, p. 46-47) acentua que, em grande medida,

[...] o índio representa para as elites políticas de Mato Grosso do Sul a imagem do "atraso", associado ainda a um "estado de natureza", que deve ser domado, civilizado e desenvolvido com o avanço da fronteira do Estado brasileiro, objetivado, atualmente, pelo

agronegócio. Assim, os bolivianos (vistos do lado brasileiro como sinônimo apenas de suas etnias do altiplano) representam nesse contexto local um “outro” indesejado, uma fronteira que deve ser mantida como limite, como barreira.

É interessante observar, portanto que os membros de um grupo não são percebidos como absolutamente determinados por seu pertencimento cultural ou étnico, visto que eles mesmos são os atores que atribuem a si um significado em função das relações que mantêm. O que equivale a considerar que a identidade se (re)constrói constantemente no seio das mudanças sociais (COSTA, 2015). Logo, a identidade é sempre uma relação com o outro. Em outras palavras, a identidade e a alteridade são indissociáveis em uma relação dialética, em que a identificação caminha lado a lado com a diferenciação.

Para Costa (2015, p. 58):

Essas investigações devem estar pautadas na busca constante de trabalhar com um aparato teórico, que tem como efeito moral e social o rompimento dos preconceitos e a explicitação de formas de dominação, na tradição antropológica, de apontar caminhos para o respeito à diferença e para a consideração e o reconhecimento do outro em sua dignidade.

Na verdade, assim como percebido por Bourdieu (2000), apenas os grupos que têm a autoridade legítima (conferida pelo poder) estão em posição de impor as suas próprias definições de si e dos outros.

O estudo da diversidade envolvendo bolivianas do comércio informal se faz relevante, uma vez que elas representam questões de várias identidades: pessoas com baixa renda, com pouca escolaridade, mulher, índia e boliviana. Sobre o fluxo de imigrantes, na fronteira Brasil-Bolívia, Peres (2009, p. 46) destaca que, a partir dos anos 1940, as bolivianas representam “a mais alta proporção de mulheres dentre todos os grupos de estrangeiros da América do Sul presentes”.

Elas, assim como outras mulheres, por longo tempo, permaneceram invisíveis nas pesquisas, o que, certamente, exige um olhar mais atento aos seus direitos, uma vez que trabalham em condições precárias, criando seus filhos expostos ao sol, dormindo ao relento ou no chão, debaixo das barracas da feira, expostos à chuva e sem as menores condições de higiene.

Muitas delas, no entanto, inseriram-se em outras áreas do comércio corumbaense, assim como também há brasileiras que atravessam a ponte que separa os dois países para ganhar seu sustento no outro lado da fronteira. Elas são encontradas em Puerto Quijarro, Puerto Aguirre, Puerto Suárez.

Além do trabalho, é importante destacar que, hoje, essa participação estrangeira no cotidiano do país tornou cada vez mais explícita sua demanda por educação superior, como consequência inevitável do acesso significativo

que alcançaram, nas últimas décadas, aos níveis primário e secundário (ensino fundamental e médio) da educação formal brasileira, mostrando a necessidade de universidades interculturais que atendam a esse cenário globalizado. Segundo Candau e equipe (2010, p.13):

Muitas questões se colocam na arena educativa, provenientes das tensões deste cenário complexo, em que significados locais e globais são expressos, num turbilhão de vozes, e que, apesar de todo avanço científico, revelam a existência de processos de profunda desigualdade social.

Ferreira e Silva (2012, p.5) pontuam que, para o sujeito fronteiriço, esses contatos

[...] são divergentes e diferenciados, mas, ao mesmo tempo, semelhantes pela condição de igualdade que os contextualiza. Dessa forma, pensar a fronteira, nessa linha imaginária que divide os dois territórios, é pensar em seus contatos, trocas e interações reais, ou seja, refletir as especificidades do espaço, considerando que há um processo natural, responsável por gerar uma identidade própria do fronteiriço, em que inclusive as tradições culturais e manifestações religiosas vão se misturando.

Vale destacar, também, que as interações entre as diversas culturas que habitam a região da fronteira constituem um rico espaço de pesquisa, considerando-se que essa situação contribui para formar um novo sujeito.

Ações interculturais no *Campus* do Pantanal

O *Campus* do Pantanal tem iniciativas interculturais nos cursos de graduação e pós-graduação, em seus projetos e disciplinas que, por sua localização geográfica, discutem o desafio atual de olhar a educação enfatizando sua dimensão cultural e as constantes tensões causadas pelo choque das diversidades. É importante, então,

[...] buscar modalidades de práticas pedagógicas que possibilitem a convergência de dois movimentos em curso e à primeira vista bastante contraditórios: de um lado, a afirmação de um processo de globalização, de mundialização tanto em termos econômicos como culturais de maneira cada vez mais irreversível; de outro, as explosões, no plano mundial, de movimentos identitários sejam eles de cunho nacionalista e/ou étnico-culturais (CANDAU e equipe, 2010, p. 25).

O foco deste trabalho concentrou-se na pesquisa de ações realizadas pelo *Campus* do Pantanal, uma das unidades de ensino superior da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sediado em Corumbá-MS, município fronteiriço com a Bolívia, nas questões das minorias. Essa instituição oferece, atualmente, 13 cursos de Graduação, sendo oito licenciaturas e cinco bacharelados. Além disso, conta, também, com dois programas de pós-graduação de Mestrado (*stricto sensu*), um com foco em Educação e outro em Estudos Fronteiriços.

Em nível de pós-graduação *lato sensu* encontra-se em desenvolvimento o curso de “Especialização em Pobreza e Desigualdade” e, em fase de implantação, os cursos “Especialização em Educação Matemática” e “Especialização Interdisciplinar em Humanidades”. A Universidade vem, assim, procurando atender a esse aluno para que ele, ao miscigenar a sua cultura e mesmo formando outra identidade, não perca a original, ou seja, a sua.

Convém lembrar a existência do Programa de Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), cuja ação ocorre nas cidades fronteiriças, visando atender a necessidades de alunos que vêm do país vizinho, com uma cultura e língua diferente do Brasil. Esse Programa visa “promover a integração regional por meio da educação intercultural que garanta formação integral às crianças e aos jovens nas regiões de fronteira do Brasil com outros países” (BRASIL, 2018, s.p.). Dessa forma, as contribuições do CPAN se concentram na formação dos estudantes para a comunidade, não importando quem eles sejam.

É relevante informar que a contribuição da UFMS/CPAN para a interculturalidade é percebida na inserção de disciplinas sobre o estudo da diversidade cultural na grade curricular dos cursos de graduação e pós-graduação oferecidos, bem como nos projetos implantados. Isso, certamente, reforça a formação dos mestres, especialistas, bacharéis e, principalmente, dos futuros professores, que conviverão com essas problemáticas nas escolas. Vale comentar que a formação adequada possibilita a esses profissionais a eficiente intervenção e proposição de soluções para tensões e conflitos que possam ocorrer. O nosso questionamento foca justamente nessa questão: Os discentes estão sendo preparados para conviver e aprender com pessoas que tenham diferenças, sejam elas quais forem?

O estudo pautou-se, portanto, na análise documental² dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação, de projetos de pesquisas e extensões desenvolvidos, bem como das ações desenvolvidas nos programas de pós-graduação.

Na análise documental, foi latente a preocupação institucional, sobretudo pelo olhar aguçado dos professores, que detectaram a relevância de tal abordagem, na oferta de disciplinas relacionadas à cultura e à diversidade. Outro ponto muito importante para a discussão nessa universidade é a sua localização em região fronteiriça, o que oferece um leque de oportunidades de vivências e inter-relacionamentos.

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços, criado em 2008, e, atualmente, com conceito C, na Capes, busca entender questões interculturais dentro

² Pesquisou-se informações divulgadas nos sites da UFMS e do próprio *campus*, disponíveis nas referências bibliográficas deste artigo.

de sua linha de pesquisa "Ocupação e Identidade Fronteiriças", tendo vários estudos envolvendo as questões de identidade dos imigrantes e vizinhos bolivianos, como os de Silva et al (2009). Tem como principal canal de divulgação de seus resultados as revistas GeoPantanal e a Série Fronteiras, ambas editadas no *Campus* do Pantanal, coligando artigos sobre assuntos relacionados à fronteira. As disciplinas Culturas e Fronteiras, Cotidiano e Fronteira, Imigrantes em região de Fronteira e Línguas em contato são indicadores dessa discussão, ressaltando-se, entretanto, que sendo a fronteira um lugar de pluralidades, de diferenças e singularidades, todos os trabalhos necessariamente são norteados nessa premissa para o conhecimento, compreensão e desenvolvimento dessa temática, com resultados de trabalhos heterogêneos.

Esse programa de pós-graduação promove, periodicamente, Seminários de Estudos Fronteiriços, dos quais participam renomados autores e autoridades científicas e políticas local, nacional e internacional, propiciando, também, aos discentes, a oportunidade de apresentarem seus trabalhos realizados no Mestrado em Estudos Fronteiriços e Iniciação Científica. O evento tem, como principais objetivos, a ampliação e divulgação de conhecimentos relativos ao enfoque nos estudos sobre fronteira, além de fomentar a cooperação interinstitucional e promover amplo debate sobre as especificidades das fronteiras internacionais e os impactos vislumbrados nas suas gestões territoriais fronteiriças.

O Programa de Pós-Graduação em Educação, em suas duas linhas de pesquisa, "Formação de Educadores e Diversidade" e "Políticas, práticas institucionais e exclusão/inclusão social", estuda e discute sobre educação especial, diversidade e questões multiculturais. Com enfoque especial à educação social, visando a inclusão social, orienta seus estudos na análise e proposição de políticas de inserção dessas minorias. Em sua estrutura curricular, entre outras disciplinas que abordam esse tema, destacam-se: Educação Especial e Cultura na Sociedade Contemporânea, Estratégias Culturais e Escolarização, Exclusão Social-História, Discurso e Organização da Sociedade e Formação e Práticas Sociopedagógicas de Educadores Sociais.

Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, é importante ressaltar as ações Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares do Pantanal (NEPI/PANTANAL) e seu Observatório Eçaí: Educação, Saúde, Desenvolvimento e outros direitos humanos de crianças e adolescentes na fronteira Brasil e Bolívia, que tem como objetivo primeiro "desenvolver iniciativas na região que contemplem saberes e aprendizagens nas áreas de políticas públicas, direitos humanos, gênero, vulnerabilidade e violências".

Embasado em Acordo de Cooperação Internacional celebrado com a Universidade Autónoma Gabriel René Moreno/Bolívia e a Universidade Federal

de Mato Grosso do Sul, desenvolve importantes trabalhos de pesquisas com a participação de discentes de cursos de graduação e pós-graduação, docentes e técnicos-administrativos de ambas as instituições. Nesse sentido, a troca de experiências acadêmicas e ações conjuntas promovem a transformação de saberes e condutas fronteiriças.

Convém lembrar que ambos os programas de pós-graduação ratificam o conhecimento transferido em aulas e pesquisas de campo. Nos resultados produzidos em dissertações, por exemplo, há inúmeros artigos e seminários sobre os temas de seus respectivos campos de atuação, em livros e revistas qualificadas. No campo do ensino de graduação, além das disciplinas ofertadas, estão constituídos vários Grupos de Pesquisa, sendo que algumas abordagens são apresentadas na sequência deste artigo, conforme sua vinculação com as áreas dos cursos de graduação.

Primeiramente, mencionamos o Centro de Referência de Estudos da Infância e da Adolescência (CREIA), criado mediante convênio firmado entre a UFMS e o extinto Centro Brasileiro Infância e Adolescência – CBIA, em 1993. Trata-se de um grupo de pesquisa consolidado, com pesquisas relacionadas a questões de educação e saúde infantil e juvenil, ajudando na construção de políticas públicas sobre o assunto. O CREIA conta com a atuação de professores e estudantes dos cursos de Pedagogia, Psicologia, de algumas Licenciaturas e do Mestrado em Educação.

O curso de Educação Física, por tratar diretamente com questões de dificuldade motora e ministrar disciplinas que envolvem o contato físico entre os estudantes, no qual podem surgir questões de *bullying* e assédio, tem projetos que tratam de questões multiculturais, políticas e de diversidade.

O curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Espanhol tem uma forte ligação com a Bolívia, tecendo intercâmbios e visitas técnicas periódicas, com os estudantes, a museus, universidades e centros históricos da Bolívia, e também, com publicações de alguns docentes do Curso de Letras, na Revista GeoPantanal e na Série Fronteiras, por suas atuações características em questões de fronteira.

O curso de Letras mantém no Grupo de pesquisa/CNPQ, Língua e literatura na escola, a linha de pesquisa Línguas em contato e políticas linguísticas para área de fronteira, que busca descrever o cenário sociolinguístico de uso do português e espanhol, nesse território, e as políticas públicas e educacionais visando promover a interação intercultural linguística na região.

Desde 2008, o Grupo de Pesquisa citado promove intercâmbio intercultural de alunos dos cursos de Letras, do Mestrado em Estudos Fronteiriços e do Mestrado

em Estudos de Linguagens/UFMS, com estudantes e professores da Faculdade de Ciências Humanas da Universidad Autónoma Gabriel René Moreno, de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. O primeiro intercâmbio incentivou a organização do Iº Congresso internacional Brasil, Paraguai, Bolívia, realizado em 2008, e a segunda edição, em 2009, ambos com o objetivo de integração entre pesquisadores e difusão de trabalhos no âmbito da interação multicultural, entre estudiosos desses países, e em diferentes áreas do saber.

Oferecendo disciplinas, como, Antropologia Cultural, Psicologia e Diversidade Humana I e Sociologia Geral, nas quais se discutem questões, como “As relações de gênero, intergeracionais e interétnicas nos espaços públicos e privados”, “A sociedade frente a constituição da diferença” e, “A vida social e o conhecimento”, o curso de Psicologia abre espaço para questões de diversidade cultural, mantendo também uma Clínica, onde membros da comunidade e estudantes recebem acompanhamento a vários tipos de necessidades, como problemas de identidade e dificuldade de aprendizagem.

No curso de Licenciatura em Biologia, há espaço para discussões interculturais nas disciplinas de Fundamentos da Sociologia, onde é trabalhado o tópico “Análise sociológica da escola, da educação e da sociedade”. O curso também pode encontrar locais para inserir questões sobre a diversidade nas disciplinas de Genética I e II.

Os cursos de Licenciatura em História e Licenciatura em Geografia estão envolvidos com o Mestrado em Estudos Fronteiriços, tendo, entre os estudos relacionados às minorias, trabalhos que tratam de questões religiosas (VIEGAS; MARTINS, 2015), imigrantes (SENA, 2012), questões de fronteira (ESSELIN; OLIVEIRA, 2013) e trabalho e ocupação urbana (COSTA; DIAS, 2015), entre outros.

O curso de Bacharelado em Direito oferece disciplinas específicas, como Antropologia Cultural, Sociologia Geral e, as optativas, em Direitos da Criança e do Adolescente e Direitos Humanos. Essas disciplinas discutem sobre “Os desafios da alteridade: o significado do etnocentrismo e do relativismo cultural”, “Estudos sociológicos na contemporaneidade”, “Medidas de proteção” e “Constituição brasileira de 1988 e os Direitos Humanos”, na qual pode-se discutir situações em que para proporcionar igualdade, os diferentes devem ser tratados de forma diferente (como uma situação diferenciada em concursos e vagas destinadas à pessoas com deficiência, por exemplo).

O Curso de Direito mantém, ainda, o Núcleo de Práticas Jurídicas para atendimento gratuito de orientação, em diferentes assuntos relacionados ao Direito.

O Curso de Ciências Contábeis oferece, com foco intercultural, a disciplina optativa Educação das Relações Étnico-raciais. Os demais cursos, especialmente os da área de Exatas, contudo, precisam de mais espaços formais para discutirem essas questões.

Vale lembrar que ainda existem as disciplinas Educação Especial e Libras, no curso de Licenciatura em Matemática, porém tratam de questões específicas. Já no curso de Sistemas de Informação, de acordo com o Projeto Pedagógico, é oferecida apenas a disciplina Estudos de Libras que, por ser optativa, não é cursada por todos os estudantes.

Considerações finais

Compreender um fenômeno social, econômico ou político incide em decifrar sua razão cultural, ou seja, que antecedentes o explicam. Entretanto, essa razão cultural não determina nossas ações, tampouco se reflete em uma totalidade ou sistema tangível. O culturalismo, no entanto, se esforça em considerar que uma qualquer cultura se compõe de um corpo estável e fechado em si mesmo, crença, de representações, crenças e símbolos, com opiniões, atitudes ou comportamentos específicos.

O avanço do interculturalismo no ambiente universitário e, por conseguinte, na região de Corumbá, pode ser favorecido mediante atualização dos projetos pedagógicos e da elaboração de projetos de pesquisa e extensão, com o objetivo de compreender as questões de identidade das minorias. É importante, contudo, atentar para a ampla divulgação dos resultados entre estudantes, professores e membros da comunidade, para que, assim, mais pessoas possam compartilhar dessas ideias e tornar a convivência com a diversidade mais democrática, diminuindo casos de violência, discriminação e preconceito.

A criação, no CPAN, de espaços comuns de reflexão sobre questões interculturais, é fundamental, pois possibilitaria aos membros da comunidade acadêmica e da cidade, a oportunidade de discussão de temas sobre diversidade, contribuindo para vencer grandes desafios da sociedade atual. Candau e equipe (2010, p. 35) preconizam que isso significa “articular, da melhor maneira possível, os valores da autonomia, liberdade, direito à diferença e os valores da solidariedade e da igualdade”. É em função disso que a universidade deve promover mais discussões sobre os conflitos colocados na forma do convívio das diversidades, arrefecendo, assim, as situações de discriminação ou de diferenças entre um povo e o outro.

Nesse sentido, vale lembrar as palavras do sociólogo português Boaventura Souza Santos (1997, p.122), citado por Andrade (2009, p. 46), quando esse estudioso afirma que “as pessoas e os grupos sociais têm o direito de serem iguais quando a diferença os inferioriza; e o direito a serem diferentes quando a igualdade os descaracteriza”.

O que se pode entender é que a interculturalidade se define em função das situações nas quais se manifesta, e essas são numerosas, sendo as mais frequentes as interpessoais e as intergrupais, como mostrou este estudo. Essas situações interculturais mobilizam e se apresentam, efetivamente, em numerosos campos de atividade profissional, como: trabalho social e a educação social relacionados com situações interculturais provenientes da imigração e com a luta contra a xenofobia; os administradores das empresas que abordam problemas interculturais de origem econômica; as relações internacionais em todos os seus aspectos, o ensino etc. Por essa razão, seria um erro limitar a extensão, a diversidade e a profundidade dos problemas interculturais.

Agradecimentos

À FUNDECT - Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul, pelo apoio financeiro.

Referências

- ANDRADE, M. A diferença que desafia a escola: apontamentos iniciais sobre a prática pedagógica e a perspectiva intercultural. In: Andrade, M. *A diferença que desafia a escola*. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2009, p. 13-47.
- BOURDIEU, P. A identidade e a representação – Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Escola de Fronteira*. Site: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=836&=12586&option=com_content. Acesso em: 29 de jan. 2018.
- CANDAU, V. M e equipe. Multiculturalismo e educação: questões, tendências e perspectivas. In: CANDAU, V. M. *Sociedade, educação e culturas*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 13-101.
- COSTA, E. A.; DIAS, R.T.R. Lugar e territorialidades dos bolivianos em Corumbá-MS. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 7, p. 33-46, 2015.
- COSTA, G.V. L. da. Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na fronteira. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 35-63, abril 2015.
- DIAS, R. T. R. *A moradia dos bolivianos em Corumbá-MS: singularidades do espaço fronteiriço*. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – UFMS, 2010.
- ESSELIN, P. M.; OLIVEIRA, M. A. Reflexões sobre Fronteiras Sul-Americanas. *Revista ArteCiência.com*. Year VIII, Number 6, February 2013 – December 2013. Disponível em < <http://arteciencia.com/index.php/arteciencia/article/view/361> > Acesso em 05 de abril de 2017.

FERREIRA, S. M. da P., SILVA, R. V. Contato linguístico na fronteira Brasil – Bolívia: hibridações étnicas, culturais e sociais. *Estudios Históricos*, Uruguai, Año IV, Edición n. 9, Diciembre 2012. Disponível em <<http://www.estudioshistoricos.org/edicion9/eh0905.pdf>>. Acessado em 04 de abril de 2017.

HERNÁNDEZ-REYNA, M. Sobre los sentidos de “Multiculturalismo” e “Interculturalismo”. Universidad Autónoma Indígena de México, Mochicahui, El Fuerte, Sinaloa. *Ra Ximhai: revista científica de sociedad, cultura y desarrollo sostenible*, Vol. 3, n. 2, Mayo – agosto 2007, p. 429 – 442.

MANTOAN, M. T. E. *O direito de ser, sendo diferente, na escola: inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo, 2006.

PERES, R. G. *Mulheres na Fronteira: A migração de bolivianas para Corumbá – MS*. 211 f. Tese (Doutorado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

SENA, D. M. O cotidiano de estrangeiros num lugar cosmopolita: Corumbá, 1870 – 1888. *Saeculum*, n. 27 – jul./dez. 2012.

VIEGAS, A. C. M.; MARTINS, S. R. O. A Religiosidade Afro-brasileira na fronteira: os terreiros de umbanda em Corumbá-MS. UFMS, Corumbá. *Revista GeoPantanal*. V. 10, n.18, 2015.

Sites:

Campus do Pantanal <<http://cpan.sites.ufms.br/>> acesso em 24 de março de 2016.

Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social < <http://cpan.sites.ufms.br/especializacao-em-educacao-pobreza-e-desigualdade-social/>> Acesso em 26 de maio de 2016.

Mestrado em Educação <http://cpan.sites.ufms.br/mestrado-em-educacao/> Acesso em 26 de maio de 2016.

Mestrado em Estudos Fronteiriços <<http://cpan.sites.ufms.br/category/pos-graduacao/mestrado/estudos-fronteiricos/>> Acesso em 26 de maio de 2016.

Projeto Pedagógico do Curso de Administração <<http://cpan.sites.ufms.br/administracao/projeto-pedagogico/>> Acesso em 26 de maio de 2016.

Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Biologia <<http://cpan.sites.ufms.br/files/2016/02/Projeto-pedagogico-C-biologicas-CPAN-sequencia-151.pdf>> Acesso em 26 de maio de 2016.

Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Contábeis < <http://cpan.sites.ufms.br/ciencias-contabeis/projeto-pedagogico/>> Acesso em 26 de maio de 2016.

Projeto Pedagógico do Curso de Direito <http://cpan.sites.ufms.br/files/2015/06/DIREITO-541_Res_Coeg_554_2014.pdf> Acesso em 05 de abril de 2016.

Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física <<http://cpan.sites.ufms.br/educacao-fisica/projeto-pedagogico/>>. Acesso em 26 de maio de 2016

Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia <<http://cpan.sites.ufms.br/files/2015/07/PPP-curso-de-Psicologia-2014.pdf>> Acesso em 05 de abril de 2016.

Projeto Pedagógico do Curso de Sistemas de Informação <http://cpan.sites.ufms.br/sistemas-de-informacao/projeto-pedagogico-sistemas-de-informacao/> Acesso em 26 de maio de 2016.

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação <<http://sigproj1.mec.gov.br/resultado.consulta.php?&inst=1&apro=0&exec=0&sit=0&ordenar=4&direcao=1®iao=Centro%20Oeste&estado=25&bplataforma=2>> Acesso em 25 de março de 2016.